

## OUTUBRO ROSA

A cada ano vem aumentando a adesão ao movimento mundial “Outubro Rosa”, que visa chamar atenção, diretamente, para a realidade atual do câncer de mama e a importância do diagnóstico precoce.

O importante é, na realidade, focar este sério assunto nos 12 meses do ano, já que a doença é implacável e se faz presente não só no mês de outubro. No entanto, este mês é representativo para a causa, tornando-se especial e destacado dos demais.

O movimento popular internacionalmente conhecido ganhou o nome que remete à cor do laço rosa que simboliza, mundialmente, a luta contra o câncer de mama e estimula a participação da população, empresas e entidades. Este movimento começou nos Estados Unidos, onde vários Estados tinham ações isoladas referente ao câncer de mama e ou mamografia no mês de outubro, posteriormente com a aprovação do Congresso Americano o mês de Outubro se tornou o mês nacional (americano) de prevenção do câncer de mama.

A história do Outubro Rosa remonta à última década do século 20, quando o laço cor-de-rosa, foi lançado pela Fundação Susan G. Komen for the Cure e distribuído aos participantes da primeira Corrida pela Cura, realizada em Nova York, em 1990 e, desde então, promovida anualmente na cidade.

Em 1997, entidades das cidades de Yuba e Lodi nos

Estados Unidos, começaram efetivamente a comemorar e fomentar ações voltadas a prevenção do câncer de mama, denominando como Outubro Rosa. Todas ações eram e são até hoje direcionadas a conscientização da prevenção pelo diagnóstico precoce. Para sensibilizar a população inicialmente as cidades se enfeitavam com os laços rosas, principalmente nos locais públicos, depois surgiram outras ações como corridas, desfile de modas com sobreviventes (de câncer de mama), partidas de boliche e etc.

A ação de iluminar de rosa monumentos, prédios públicos, pontes, teatros e etc. surgiu posteriormente, e não há uma informação oficial, de como, quando e onde foi efetuada a primeira iluminação. O importante é que foi

uma forma prática para que o Outubro Rosa tivesse uma expansão cada vez mais abrangente para a população e que, principalmente, pudesse ser replicada em qualquer lugar, bastando apenas adequar a iluminação já existente.

A popularidade do Outubro Rosa alcançou o mundo de forma bonita, elegante e feminina, motivando e unindo diversos povos em em torno de tão nobre causa. Isso faz que a iluminação em rosa assuma importante papel, pois tornou-se uma leitura visual, compreendida em qualquer lugar no mundo.

O Outubro Rosa chegou ao Brasil em 2008 por iniciativa da Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama (Femama). Diversos monumentos por aqui já aderiram o cor de rosa durante este mês, abraçando essa grande causa pela prevenção do cancer de mama. Abrace também.



# A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL FACE AO FRACASO

O fracasso escolar é hoje um grande problema para o sistema educacional. Muitas vezes, para se livrar da responsabilidade deste fracasso, busca-se um culpado; alguém que possa assumir sozinho esta situação. Este trabalho vem questionar esta atitude e propõe discutir o fracasso escolar a partir de outras variáveis que também influenciam no processo de aprendizagem. A partir disso, procura-se pensar no papel do Orientador Educacional com relação ao fracasso escolar. A atuação deste profissional pode servir tanto para determinar “o culpado” que se procura, ou seja, patologizar o aprendiz; quanto para ampliar este foco, buscando outras variáveis que influenciam no processo de aprendizagem.

A autora inicia o texto apoiando a perspectiva da Pedagogia Crítica. Isso fica claro na sua primeira citação. “As dificuldades para superar o fracasso estão mais no campo social do que no campo pessoal, embora, sempre, recaia sobre o indivíduo a responsabilidade de superação.” (Grinspun, 2002)

Pensamos que ela é taxativa quando diz: “A questão do fracasso escolar diz respeito às dificuldades e aprendizagem escolar – dificuldades estas que se manifestam predominantemente entre crianças

provenientes dos segmentos mais empobrecidos da população” (grifo meu). As questões sociais são desequilibradoras, mas não determinantes. Acreditamos que a educação é um fenômeno complexo demais para alcançarmos as respostas certas através de idéias fixas, pois cada fenômeno é único dentro de cada indivíduo. Uma dificuldade de aprendizagem pode ter vários níveis, origens diversas e frequência também variável. Consideramos que quando enquadramos grupos relativizamos e minimizamos as complexidades do ser humano.

Em seguida a autora faz menção ao movimento da escola nova do séc. XIX, com a perspectiva da medicina tentando responder aos problemas de dificuldade de aprendizagem. Logo, podemos ver nas próximas linhas da história a contextualização do movimento da escola nova com a neurociência e a psicopedagogia e a “abordagem psiconeurológica” dos dias atuais.

Podemos observar que o surgimento da profissão de Orientador Educacional tem como tese central que “o homem certo estaria no lugar certo”. O sistema capitalista Europeu entendeu que o capital intelectual é a base de desenvolvimento de uma nação. Mas quem é apto para desenvolver esse capital? Somente o teste de QI

(Quociente de Inteligência) pode responder, este teste foi estudado por Alfred Binet, Pedagogo e Psicólogo francês, acerca da mensuração de traços psicológicos, este instrumento de avaliação das capacidades cognitivas concebe o desenvolvimento intelectual como o resultado da aquisição progressiva de mecanismos intelectuais básicos. Quando a autora diz que “A escola passou a ser vista como uma instituição organizada, mantida e regida pela classe média, que possui padrões culturais diversos dos das crianças das classes pobres.” ela está ressaltando a teoria da diferença cultural. Entretanto, no seu discurso fica visível a preferência pela Pedagogia Crítica na construção dos seus argumentos.

No tópico intitulado como “Evolução histórica da análise do fracasso escolar” as teorias da área psicológica, carência cultural e das diferenças culturais, mencionam os conceitos das diferentes perspectivas sobre o fracasso escolar. Na primeira teoria “o fracasso do aluno explica-se por sua incapacidade de adaptar-se, ajustar-se ao que lhe ao que lhe é oferecido.” na seguinte “a causa principal do fracasso encontrava-se no aluno, cabendo a escola uma parcela de responsabilidade por não se adequar a esse aluno de baixa renda.” Na última “a responsabilidade pelo fracasso escolar cabe à escola, que trata de forma discriminativa a diversidade cultural, transformando diferenças em deficiências. Pensamos que a melhor maneira de resolver esta questão é administração da escola ter uma visão holística do fracasso escolar.

A escola é um organismo vivo e quando uma parte da comunidade não está funcionando muito bem a responsabilidade é de todos. O aluno não pode ser uma cobaia do processo de ensino-aprendizagem elaborado por pessoas que não se relacionam com ele, mas uma parte consciente



## EXPEDIENTE

Equipe Folha Azul

Colaboração: Alunos e professores da AVM FACULDADE INTEGRADA  
Informativo semanal/circulação interna - Tiragem: 6.000 exemplares

Participe enviando textos, piadas ou opiniões para:

**folhaazul@avm.edu.br**

Os textos publicados aqui são de extrema responsabilidade dos autores.

O Folha Azul não efetua nenhum tipo de revisão e não se responsabiliza pelo conteúdo dos textos.

# SO ESCOLAR

da construção do saber. A escola não é refém na mão do aluno, mas uma parceira na evolução do conhecimento do discente.

No tópico “As teorias crítico reprodutivas e a pesquisa do fracasso escolar” encontramos uma luz no final do túnel quando a autora diz que esta perspectiva contribui “para a superação do mito da neutralidade do processo educativo e abrindo caminho para uma concepção dialética da totalidade. Não é coerente permitir que a responsabilidade do fracasso escolar fique somente sobre o aluno, pois ninguém é neutro no processo de ensino-aprendizagem. Neutralidade é um mito! Quando um fracassa a derrota é de toda comunidade.

A autora cita George Snyders quando ele diz que “A escola é um local de luta” é perfeita sua afirmação do ponto de vista que a escola possibilita o encontro dos contrários, dos diversos, dos diferentes, dos ditos normais, dos ditos anormais e isso mostra que a comunidade escolar é um organismo complexo demais para termos respostas prontas que atendam as necessidades mais diversas. Logo, dentro de varias teorias do sistema podemos entender que o mais relevante seja entender que “Todos são responsáveis por esse fracasso”.

A Orientação Educacional acompanhou as mudanças de perspectivas sobre o fracasso escolar, atuando como reforçadora das idéias vigentes.

Quando a visão era focada nas diferenças individuais, ela intervinha por meio de instrumentos de medição (quantificação). Quando a visão era voltada para as “deficiências culturais”, estes profissionais exerciam uma prática pautada no acompanhamento destes indivíduos, a fim de superar suas carências. Na abordagem das diferenças culturais, o Orientador Educacional (O.E) buscava compreender a diversidade cultural, procurando inserir estes alunos dentro de um grupo, a fim de sentir-se integrado a escola e tivessem a oportunidade de compensar com o apoio destes profissionais. Na década de 70 os fatores intra-escolares foram contemplados na escola, e o O.E intervinha através da ótica das relações interpessoais, junto aos professores e assessorando os alunos.

Mas segundo Patto (1990), em seu livro: A produção do fracasso escolar, o Orientador Educacional ao confrontar-se com os ideários do déficit e da diferença cultural, o mesmo precisa compreender que

existe um mecanismo escolar produtor de dificuldade de aprendizagem, sendo um agente de discussão na ambiência escolar a realidade vivenciada pelos alunos e dando abertura para troca de experiências. O O.E precisa ter uma visão abrangente do sistema educacional, não reduzindo o fracasso a um único aspecto. Tendo uma prática integrada com outros profissionais, não sendo um serviço isolado, que resolve todas as questões emergências, mas procurar vincular-se ao todo.

O compromisso do Orientador é questionar as explicações pautadas num discurso científico (Psicologismos), que reduz o fracasso a um conceito, rotulando e esvaziando a discussão sobre a temática. Sendo primordiais termos cautela no instrumental que iremos usar para exercer nossa prática, pois estes não podem está a serviço de reforçar estas visões reducionistas, linear e fatalistas.

No contexto escolar existem contradições e conflitos, e o profissional de O.E precisa está



# O PODER DA MÍDIA

No que compreende a comunicação “de massa” podemos buscar uma compreensão da construção do Estado atual como o aparato difusor da hegemonia dominante, através dos instrumentos de reprodução simbólica do sistema econômico presente.

Ciro Marcondes Filho (1989) diz que o jornalismo, normalmente, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas, o foro da objetividade. O jornalismo ao atuar de acordo com os poderes econômicos e políticos, funciona como instrumento para difundir os seus interesses de classe e transformá-las em senso comum, assim, a imparcialidade se torna impossível.

Nessa perspectiva, o autor apresenta uma relação de jornalismo e poder, afirma que a classe dominante em qualquer sistema econômico, ao se apropriar dos seus meios de produção, passa também a influenciar, direta ou indiretamente, tudo o que é produzido dentro da esfera da comunicação social.

A imparcialidade apresenta-se apenas como mero discurso reprodutor de uma idéia que a objetividade deve ser perseguida por meio de concepções impregnadas de valores morais pertencentes à ideologia do sistema econômico, os quais os grupos financeiros e políticos desejam transmitir as notícias à opinião pública.

A mesma massa que segue, é influenciada pelos formadores de opinião, que agem no interior dos meios de comunicação, colocando a população na posição de passividade. Uma vez que está excluída do processo de decisão sobre o que é verdadeiro interesse público. De acordo com Marcondes Filho (1989), estamos sujeitos à chamada que apresenta notícias ao público, de forma sensacionalista, que atemorizam, misturadas em outras amenas e superficiais, que tranquilizam.

Ao se fragmentar a informação, a verdade fica distorcida para se transformar em notícia e se adaptar às concepções mercadológicas, políticas e ideológicas do veículo jornalístico.

A própria formação da imprensa em geral exige que esta mantenha um

controle sobre os seus receptores. É comum observarmos a despolitização por parte de grande parte do público. Isso decorre da cultura de acomodação como afirma Ciro Marcondes Filho (1989), na qual atemoriza-se e logo depois de tranquiliza o receptor da notícia, com as soft news se contrapondo as *hard news*.

É fundamental para a existência da imprensa essa tranquilização, esse “equilíbrio” que o público é levado a ter para que continue consumindo os jornais e produtos anunciados. E, sobretudo, não se rebele, não se insurja contra o establishment, dando aos jornalistas a função de denunciar, se indignar e “agir” em nome dele. Assim, o público não questiona as informações que vem dos meios de comunicação e as aceitam, como se estas fossem as únicas verdades.

A dependência da imprensa nos países em desenvolvimento ainda é maior por conta de um Estado subserviente às elites dominantes, como o que acontece no Brasil. Roberto da Matta (1979) diz que a sociedade brasileira se divide em duas coletividades, um Estado Nacional moderno e igualitário que nasce a partir da proclamação da república, com inspiração no modelo do individualismo burguês norte americano e uma Sociedade Hierarquizada, devido ao fato de termos sido colônia de exploração das grandes metrópoles da Europa. Assim, ainda hoje as elites dominantes reproduzem os seus valores simbólicos dentro da ideologia capitalista dominante.

E como, de acordo com a Escola de Frankfurt, os meios massivos são braços difusores da ideologia capitalista, a situação de manipulação da opinião pública é ainda mais evidente num país em que os veículos de informação estão concentrados nas mãos de um grupo reduzido de “famílias” poderosas.

Em outra visão, Kleber Mendonça (2002, pg. 47) diz, em seu livro *A Punição pela audiência*, que “a prática jurídica hierarquizada - que impede que um juiz ou um jornalista fique preso numa cela comum - é dissimulada em um conjunto de leis fundamentadas no direito universal de igualdade”. E com esses valores transpostos “mecanicamente” de países desenvolvidos para a realidade brasileira, fica difícil não haver uma manipulação

maior do que é produzido pelos meios de comunicação, totalmente constituído de uma elite privilegiada.

Existe um conflito, na sociedade brasileira, entre lei democrática e prática hierárquica, segundo Kleber Mendonça (MENDONÇA, Kleber, 2002), cujo objetivo principal é manter implícitos o conflito e a estrutura desigual da sociedade.

Ainda segundo Kleber Mendonça (2002, pg. 48), a imprensa brasileira percebendo essa contradição, atribui a si a urgência de resolver o problema. Com isso, a imprensa pratica o mesmo que diz ser contra, já que se coloca contraditoriamente acima do poder e dos reais interesses do público. Assim dentro dessa prática oportunista, a imprensa faz, com mais facilidade, o jogo do lucro dos agentes econômicos na sociedade brasileira, o jogo dos grupos que detêm os poderes políticos.

Pierre Bourdieu afirma que a desigual distribuição dos elementos de produção é o que faz com que a vida política seja descrita na lógica da oferta e da procura, portanto, o mundo político é o lugar onde se dá a concorrência que há entre os agentes envolvidos, produtos políticos, análises, programas comentários, conceitos, entre os quais cidadãos, devem escolher a melhor opção. Trata-se de um “mercado de bens simbólicos”.

Portanto, a possibilidade de engano é maior na medida em que alguém se encontre cada vez mais afastado do conhecimento político mais profundo. O público acaba não por ter vontade própria, ele apenas reproduz o que lhe propõem como sendo de seu interesse, exatamente por este motivo, que uma dona de casa, ou um operário não politizado, quando assistem o fato da queda do muro de Berlim, comemoram, sem saber o processo da produção daquela notícia, além das razões ideológicas pela derrubada o sistema socialista.

A derrocada do socialismo no leste europeu por exemplo é apresentada de uma forma reducionista, descontextualizada, como vários outros fatos sociais, políticos e econômicos traduzidos de forma tendenciosa pela grande imprensa.

Os jornalistas sérios não reivindicam uma imprensa que exalte, ou abrace concepções políticas, mas apenas que dêem ao público material noticioso de qualidade que o permita fazer sua própria análise.